



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

**O DISCURSO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR ACERCA DE
ARTES/TEATRO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DO ESTUDANTE**

**THE DISCOURSE OF THE NATIONAL COMMON CURRICULUM BASE ABOUT
ARTS/THEATRE FOR THE INTEGRAL FORMATION OF THE STUDENT**

Roberto Carlos Farias de Oliveira (Ifes)¹

Resumo:

O texto faz um recorte histórico sobre o conceito de formação integral e tece considerações sobre a disciplina de Artes, em especial o teatro, e suas competências e habilidades conforme descrita na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, foram realizadas análises de documentos oficiais e de textos publicados sobre o assunto, procurando ressaltar a importância de o estudante receber uma educação que vise a sua omnilateralidade, ou seja, que procure formação do estudante em sua totalidade. Nesse contexto, tem como foco o ensino de Artes na educação formal, em especial o teatro e como ele pode propiciar vivências e experiências significativas que afetam a vida do educando.

Palavras-chaves: Educação. Formação integral. Artes. Teatro. BNCC.

Abstract:

The text makes a historical cut on the concept of integral formation and makes considerations about the discipline of Arts, especially theater, and its competences and abilities as described in the National Curricular Common Base (BNCC). For this, analyzes of official documents and texts published on the subject were carried out, seeking to emphasize the importance of the student receiving an education that aims at its omnilaterality, that is, that seeks the formation of the student in its entirety. In this context, it focuses on the teaching of Arts in formal education, especially theater and how it can provide meaningful experiences and experiences that affect the student's life.

Key words: Education. Integral formation. Arts. Theater. BNCC.

Introdução

A escola é o espaço da interação e da aprendizagem. Mais que produzir conhecimentos (seja em disciplinas propedêuticas ou profissionalizantes), ela precisa formar cidadãos livres, capazes de exercer escolhas individuais, sem se esquecer do coletivo. Será que a Arte, tão questionada em sua função e utilidade nos nossos dias, tem alguma importância ou pode contribuir na formação plena desse cidadão?

¹ Professor de Língua Portuguesa e Literatura e Artes do IFES campus Cachoeiro de Itapemirim. Mestre em Artes da Cena (Escola Superior de Artes Célia Helena, 2021) e em Educação (UNINORTE, 2018), especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG) e Licenciado em Letras/Literatura (FAFI, 1994) e em Artes Visuais (UFES, 2012). E-mail: rcfoliveira@ifes.edu.br.



A considerar a presença do eixo de Arte constante na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada no Brasil a partir de 2020, tem-se a resposta positiva a essa e outras questões em torno das relações entre Arte/teatro e formação integral. Para tanto, o artigo faz um breve relato histórico da construção do conceito de educação integral e uma leitura da presença das Artes na BNCC.

Espera-se que este texto possa contribuir com os professores das diferentes áreas, porque trata da formação plena do estudante, considerada por mim uma questão relevante a ser estudada por qualquer profissional, independentemente de sua disciplina ou área. As ideias apresentadas buscam provocar o leitor e fazê-lo pensar no papel de todos quando se trata de educação na sociedade contemporânea.

Por meio de pesquisas, leitura de documentos oficiais, além do registro das impressões e das observações pontuais da prática e das experiências do autor como professor da área de Linguagens, ressalta-se o teatro e suas contribuições para o desenvolvimento do estudante, principalmente na sua capacidade de proporcionar experiências significativas capazes de afetar sua vida além da escola.

1 Formação integral: breve história do conceito

O que o ser humano mais aspira é tornar-se um ser humano.
(Clarice Lispector, 1920 – 1977, escritora ucraniano-brasileira).

O conceito de formação integral, cujo precursor foi John Dewey (1849-1952), influenciou o movimento no Brasil da Escola Nova (1930), liderado por Anísio Teixeira (1900-1971) que, naquela época, já tecia críticas à educação fragmentada, defendendo a necessidade de ressignificar a função social da escola.

Em 1950, com a Escola Parque, Anísio Teixeira objetiva reorganizar o ensino primário e oferecer uma educação capaz de preparar os estudantes tanto para a sociedade quanto para a



vida moderna. Assim, para proporcionar uma educação integral, eram ministradas aulas de leitura, escrita, aritmética, ciências físicas e sociais na Escola-classe e, no outro turno, ofertavam-se atividades físicas, artísticas, socializantes, artes industriais e trabalhos manuais, na Escola-parque. Além disso, tinham assistência médica, orientação educacional e alimentação. Já os professores, que atendiam os estudantes nas duas Escolas, deviam ter formação em algumas das modalidades ofertadas na Escola-parque.

Inspirado no modelo da Escola Parque, Darcy Ribeiro, em 1980, cria os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP's). Agora com arquitetura inovadora e com a jornada na escola ampliada, começa-se a pensar o sentido de uma educação integral.

Mas a concretização do direito fundamental à educação e a defesa do desenvolvimento pleno do cidadão só aparecem em 1988, com a promulgação da Constituição Federal que, em seu Artigo 205, descreve que a educação é

direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), além do aumento do tempo de escolaridade do estudante para 9 (nove) anos, estabelecem-se metas para o desenvolvimento do cidadão. Em 2007, os chamados Centros Educacionais Unificados (CEU's) e o programa Mais Educação surgem como uma estratégia para a educação integral – ampliando a jornada escolar e promovendo a realização de atividades diversificadas. Apesar do pouco sucesso, propiciou um olhar diferente para a educação integral, que veio a ser descrita em 2013 com a publicação das Diretrizes Nacionais Curriculares (DCN's), ampliada pelo Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, o qual defende a oferta de 25% da educação brasileira pública na forma tempo integral. Enfim, em 2017, é homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresenta a Educação Integral como



construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos alunos e, também, com os desafios da sociedade contemporânea, de modo a formar pessoas autônomas, capazes de se servir dessas aprendizagens em suas vidas. (BNCC, 2017, p.14).

Após esse pequeno resumo histórico, é preciso diferenciar os termos educação integral e educação em tempo integral. Enquanto a Educação em Tempo Integral ou Escola de Tempo Integral diz respeito às escolas que ampliaram a jornada escolar de seus estudantes, trazendo ou não novas disciplinas para o currículo escolar, a Educação Integral, não se refere apenas a ampliar a jornada de estudos na escola, mas (e principalmente!) ao desenvolvimento do estudante como sujeito integral, total, afim de ressignificar o papel da educação em sua vida.

2 Projeto político pedagógico (ppp)

*Uma meta sem um plano não passa de um desejo.
(Larry Elder, 1952, apresentador de rádio e
televisão americano, de ideias progressistas)*

É o documento que reflete a proposta educacional da escola, produzido com autonomia, mas sempre com a participação de toda a comunidade escolar, conforme apontam os princípios democráticos da LDB (1996). O PPP, então, é um mecanismo eficiente e capaz de proporcionar à escola condições de se planejar, buscar meios e reunir pessoas e recursos para sua efetivação. Ou, nas palavras de Moacir Gadotti

Um projeto político pedagógico não nega o instituído da escola que é a sua história, que é o conjunto dos seus currículos, dos seus métodos, o conjunto dos seus atores internos e externos e o seu modo de vida. Um projeto Sempre confronta esse instituído com o instituinte. Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político. O projeto pedagógico da escola é, por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola (GADOTTI, 2003, p.46).



Num resumo: ele prevê as práticas comuns a todas as áreas do conhecimento – como o uso de metodologias ativas, a aprendizagem por projetos, pesquisas – além das estratégias de avaliação (formativa e processual). Procura estar alinhado ao contexto escolar, apresentando a visão que a escola tem dos estudantes e que pessoas pretende formar, introduzindo nos currículos temas contemporâneos. Contempla ainda a formação de professores e sua organização para cumprir as propostas curriculares.

Em se tratando de organização do currículo na perspectiva da educação integral, há várias possibilidades. Dentre elas, destacam-se três organizações, cada uma com suas características e especificidades: por área do conhecimento, por temas culturais e por projetos. Em todas elas há vantagens e devem ser muito bem planejadas em conjunto para melhores resultados, evitando principalmente a fragmentação das disciplinas, mas promovendo a aproximação entre as áreas e a participação dos estudantes na seleção e avaliação dos processos e projetos a serem executados. Uma não é melhor que a outra, podendo haver a escolha de uma ou a interação entre elas. O mais importante é que, numa proposta de educação integral, a comunidade escolar estude, discuta e escolha a que melhor atenda às necessidades, a que seja capaz de potencializar a aprendizagem e, sobretudo, contemple o trabalho colaborativo, a interdisciplinaridade, a contextualização e a aprendizagem significativa e ativa.

3 Habilidades socioemocionais

...são habilidades que você pode aprender; são habilidades que você pode praticar; e são habilidades que você pode ensinar.

(Paul Toug, escritor, autor de 'Uma questão de caráter', 2014)

O trabalho previsto no PPP, no entanto, não pode contemplar apenas o campo cognitivo. Para a BNCC, quando se fala em educação integral e o desenvolvimento pleno do estudante, é preciso que a escola foque também nas habilidades socioemocionais – porque fazem parte das aprendizagens essenciais para a vida, assim como as demais competências cognitivas a serem



trabalhadas na educação básica. Esse é um trabalho a ser feito pela escola, pela família e pela sociedade de forma colaborativa.

A BNCC aponta dez competências que devem ser desenvolvidas nos estudantes e, dessas, cinco tratam do aspecto socioemocional. São elas as competências 6,7,8,9 e 10, que apontam ser importante que o estudante saiba (6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais, com destaque para a autonomia, a consciência crítica e a responsabilidade; (7) Argumentar com base em fatos e dados, abordando o desenvolvimento do respeito, da consciência socioambiental, do posicionamento ético e cuidado consigo e com os outros; (8) Cuidar de si, ressaltando a saúde emocional e o reconhecimento das emoções, além da capacidade de autocrítica; (9) Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, assim como a valorização da diversidade e o combate ao preconceito; (10) Exercitar o agir como princípio para desenvolver sua autonomia, a resiliência, a tomada de decisão responsável e a determinação.

Assim, percebe-se que procurar desenvolver as competências socioemocionais é promover o desenvolvimento integral dos estudantes, dentro das chamadas dimensões do desenvolvimento humano: dimensão intelectual ou cognitiva (apropriação de linguagens e a capacidade de aprender); física (a compreensão corporal, o autocuidado e a atenção à saúde); emocional ou afetiva (desenvolve o sentimento de pertencimento, autoconhecimento, interação e alteridade); sociocultural (reconhecer que tem direitos e deveres e compreender a sua participação no exercício da cidadania). Se o currículo estiver aliado a essa perspectiva, significa que está no caminho da educação integral.

4 Artes na BNCC

Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver. (Bertolt Brecht, 1898 – 1956, dramaturgo, poeta e encenador alemão).



Em se tratando da educação integral, qual o papel da arte nesse processo? A BNCC apresenta as diretrizes para todas as áreas do conhecimento – Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – bem como as habilidades e competências a serem desenvolvidas por elas.

Entendem-se as habilidades como as qualidades necessárias para realizar alguma atividade, e as competências como um conjunto de habilidades e conhecimentos relacionados que podem ser desenvolvidos por meio de treinamentos ou experiências. Enfim, as habilidades podem ser desenvolvidas, inclusive no caminho para a aprimoramento de competências – não sendo, portanto, um “dom” inato (que ou se tem ou não se tem)

Na área das Artes, então, compete à escola desenvolver competências no estudante, para que seja capaz de: compreender o funcionamento das diferentes linguagens e, assim, apreciar ou produzir discursos; utilizar as linguagens artísticas, corporais e verbais de forma crítica, humana e solidária, com respeito ao outro e aos seus espaços; apreciar esteticamente produções artísticas e culturais considerando suas peculiaridades, valorizando e respeitando-as.

A Base defende a ideia de que os estudantes devem ser protagonistas no processo de ensino, ajudando a definir temas a serem tratados e sentindo-se mais livres para criar, para dar vazão à sensibilidade com a observação e o incentivo do professor. As aulas devem contemplar as quatro linguagens artísticas – teatro, dança, artes visuais e música – a partir de suas particularidades ou na relação com as outras, de modo interdisciplinar. Sua diretriz norteia que a composição do currículo deve ser em relação à realidade brasileira e pautada na prática dos professores. Estabelece também a necessidade de trabalhar com os conhecimentos conceituais no estudo da Arte, tais como contextos e práticas, elementos da linguagem, materialidades, processos de criação, sistemas da linguagem; matrizes estéticas e culturais, patrimônio cultural, arte e tecnologia.

Orienta ainda que a escola deve ser o espaço de respeito e de diálogo entre as diversas manifestações artísticas e culturais, sem emitir juízo de valor. Precisa, então, que os demais saberes estejam articulados com as seis dimensões do conhecimento: criação (individual ou coletiva), crítica (com base em estudos e pesquisas), estesia (conhecer a si mesmo, o outro e o



mundo pela arte), expressão (por procedimentos e experiências), fruição (prazer e estranhamento por meio das artes), reflexão (analisar e interpretar as manifestações).

Enfim, levar os estudantes a compreender que os processos criativos são tão importantes quanto os produtos entregues ao final; com isso, a escola amplia as capacidades cognitivas, criativas e expressivas dos estudantes, levando-os a criarem suas próprias obras. Trata-se do conceito de vivência artística, visto como uma prática social a fim de que eles percebam de que modo afetam e são afetados pelos acontecimentos do mundo.

5 Teatro e formação integral

O teatro é um exercício de cidadania e um meio de ampliar o repertório cultural de qualquer estudante (Ingrid Dormien Koudela, consultora do Ministério da Educação na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN)

No campo da educação formal, com base em experiências e observações, tanto como estudante quanto como professor da área de Linguagens, percebo (e posso afirmar com pouca chance de errar) que o teatro tem se apresentado como ferramenta educativa empregada com função lúdica e pedagógica.

É preciso pensar nos ganhos que a prática do teatro na escola traz às dimensões educacional, social e humana, tais como promover a socialização e o trabalho em equipe, ajudar na desinibição e desenvolver ainda mais o senso de responsabilidade e de compromisso do estudante. Também ajuda a aprimorar a leitura, a compreensão e a interpretação de textos, exercita a memorização e influencia na educação do corpo e da voz. Mais que isso, possibilita desenvolver o senso crítico em todos os que se envolvem com teatro, sejam como atores ou espectadores (ou, como afirma Augusto Boal, espect-atores²), tornando-se pessoas mais ativas,

² Termo usado para designar o espectador que assume a função de interlocutor ATIVO, convidado a assumir o papel do oprimido e/ou de seus aliados para interagir na ação dramática.



participativas, porque esse contato com o teatro incomoda, faz pensar e repensar a realidade numa outra perspectiva. Eis por que a arte em geral tem seu valor defendido na BNCC.

Uma questão que se propõe aqui é: será que todos se dão conta desses benefícios do teatro? Aqueles que promovem, como os professores, além de ter a consciência disso tudo, ao trabalhar com o teatro o fazem de forma a contemplar ao máximo todos esses benefícios? Talvez seja difícil responder a essas questões por se tratar de análises subjetivas e que nem sempre podem ser mensuradas, porque pertencem ao chamado currículo oculto³. O que é perceptível, porém, é que ninguém passa pelo teatro sem ser contaminado por ele.

Percebe-se, nesse contexto, a função importante que ele tem na formação integral do estudante, porque educa a sensibilidade, o sentir, a capacidade de emocionar e de refletir; ele informa e, principalmente, forma. É nele que o indivíduo tem a oportunidade de viver experiências significativas, reflexivas, chegando a aprendizados construídos *com e na* experiência.

É no ato de fazer teatro, de estudar e de apreciar que o estudante pode expressar-se em uma linguagem própria, singular. Ao comunicar-se com o público, intermediado pelas obras que produz, ele consegue partilhar, afetar e ser afetado pela sua própria arte. Assim, seja como exercício cênico ou em apresentações artísticas, pode-se explorar ao máximo a capacidade de provocar a sociedade e de estimular a consciência coletiva e individual, porque ele faz o estudante viver a experiência e é afetado por isso. Experimentar é muito importante no processo de formação porque a experiência é, segundo Jorge Larrosa Bondía⁴

“aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002 p. 25-26).

³ O currículo oculto refere-se ao processo de aprendizagem processual (implícita) socializador e colateral ao currículo escolar formal, que permeia as normas de comportamento social (valores, mensagens de natureza afetiva entre outros). Amanda Correia Mathias in <https://www.efdeportes.com/efd161/curriculo-oculto-x-curriculo-formal.htm>

⁴ Jorge Larrosa Bondía, professor de teoria e história da educação na Universidade de Barcelona, doutor em pedagogia, realizou estudos de pós-doutorado na Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne, Paris. É autor de várias escritas e publicações sobre educação.



É o que faz o aprendizado se concretizar. Experimentar, provar, apreciar, já que a experiência é sempre uma ficção, algo que fabricamos para nós mesmos, que não existe antes e que existirá depois, segundo Foucault. É, por isso, algo único e capaz de provocar sentidos, de incomodar e de desacomodar. Assim, é importante viver no presente e não em outro tempo e extrair desse presente a experiência em sua plenitude. É isso que prepara para fazer algo no futuro. Eis a única preparação que finalmente conta para todos, salienta John Dewey⁵.

As vivências e as experiências, como o tempo e o espaço, são únicas para cada indivíduo. Tudo, então, é único. É ideal, portanto, que a escola proporcione momentos/situações de experiência para os estudantes como uma forma de ampliar as possibilidades de novas experiências (DEWEY, 1976). Isso pode ser feito também por meio da arte, levando o estudante a ser o sujeito da experiência. Ele é o espaço onde os acontecimentos se dão (BONDÍA, 2002). É o território de passagem, constituído de uma superfície sensível, afetada por aquilo que acontece. E isso produz afetos, inscreve marcas, deixa vestígios, tem efeitos.

O sujeito, capaz de aprender da experiência, experimenta o mundo para saber como ele é (DEWEY, 1959) e prepara-se a cada experiência para outras futuras. Ainda: uma experiência significativa, que produz sentido, depende da qualidade/intensidade em que ocorreu. É preciso que o sujeito tenha disponibilidade de ser afetado por ela.

Afetado, não como adjetivo, mas como variação verbal (afetar, do latim *affectare*), nos sentidos de “fazer crer; fingir, simular; abalar, afligir; provocar mal-estar em; incomodar; interessar; apurar-se muito a ponto de tornar-se ridículo” (Michaelis, 2020).

Assim, experiência e afeto na educação devem estar em consonância com a ideia de uma formação integral do estudante, porque integram o processo de educar-se a partir do que foi experimentado, ampliam as possibilidades de novas experiências, aguçam a percepção e fazem-nos cultivar a arte do encontro potencializador de novas experiências e de afetos.

⁵ Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano que defende a ideia da educação como construção e reconstrução da experiência. Para ele, as crianças aprendem vivendo, por isso elas devem experimentar e pensar.



Conclusão

Mais importante do que a obra de arte propriamente dita é o que ela vai gerar. A arte pode morrer; um quadro desaparecer. O que conta é a semente.

(Juan Miró, 1893-1983, pintor, gravador, escultor e ceramista espanhol).

Para a formação integral do estudante, além de todas as artes e disciplinas, as Artes, em especial o teatro, apresentam-se como um potente elemento que pode auxiliar todas as áreas da educação. Seja como exercício cênico ou em apresentações artísticas, é capaz de provocar e de estimular a consciência coletiva e individual se considerado em seu processo de construção. Cabe à escola dirigir seu foco para o fazer artístico, promovendo experiências que conectem os estudantes a outras realidades, a outras questões. Com isso, eles podem ser capazes de ampliar sua visão de mundo, exercitando a sensibilidade e a conexão com o outro, podendo imaginar e ressignificar a realidade.

Ao exercitar o seu protagonismo, envolvendo-se nos processos de criação em artes, apropriando-se de diversas linguagens artísticas, seja teatro, música, dança, performance, os alunos poderão também exercitar suas habilidades e competências adquiridas para apreciar e fazer arte de modo consciente e crítico.

Cabe à escola, aos professores, à família e à comunidade em geral colaborar com essa formação do indivíduo. Cada um fazendo a sua parte, inclusive o estudante predispondo-se a vivenciar e a experimentar todas as situações em que o aprendizado pode se fazer concreto. Seja em todas as disciplinas do currículo, seja na rua, seja no teatro. Todos nós podemos nos educar sempre, e aprender com o outro, em constante interação.

É de suma importância para a sociedade que as diretrizes apresentadas na BNCC sejam apreendidas, testadas, praticadas, a fim de que *saiam do papel*, tornando-se verdade. Em termos de ganhos reais, as Artes podem e promovem formação mais integral, plena. Até mesmo se o indivíduo não estiver em uma escola, em estudos formais: nesses tempos de isolamento social,



consumir e produzir arte talvez estejam ajudando muitas pessoas a passar por isso sem desatinar. Porque afetados já estamos, todos nós.

Referências

BONDÍA, Jorge Larossa, **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2020.

_____. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em: 18 de abr. de 2020.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> > Acesso em: 2 de mar. de 2020.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> > Acesso em: 05 de dez. de 2019.

EDUCAÇÃO integral X Educação em tempo integral. **Sae Digital**, 2020. Disponível em: <<https://sae.digital/educacao-integral/> > Acesso em: 11 de mar. De 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
GUIA BNCC: construindo um currículo de educação integral. Instituto Ayrton Senna, 2020. Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/BNCC.html> > Acesso em: 14 de mar. de 2020.

GADOTTI, Moacir. **Dimensão política do projeto pedagógico da escola**. Abceducatio, v. 4, n. 24, p. 36-41, 2003 Tradução. Acesso em: 15 jun. 2022.

MATUOKA, Ingrid. Educação Integral e a implementação da BNCC. **Centro de Referências em Educação Integral**, 2018. Disponível em: <



II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS
SABERES E FAZERES LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E INTERCULTURAIS
EM TEMPOS DIGITAIS
08 a 12 de novembro de 2021

Campus
Cara Coratiná  Universidade
Estadual de Goiás  **POSLLI**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUAGEM, LINGÜÍSTICA E INTERCULTURALIDADE  Letras
Português/Inglês
Campus Cara Coratiná  **UEG TV**

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/educacao-integral-e-a-implementacao-da-bncc/> >
Acesso em: 25 de mar.de 2020.

TREVISAN, Rita. Entenda as seis dimensões do conhecimento para o ensino de Artes. **Nova Escola**, 2020. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/135/base-propoe-seis-dimensoes-de-conhecimento-para-o-ensino-de-artes-entenda> > Acesso em: 12 de fev. de 2020.